

ARTIGO

EDUARDO KNEESE DE MELLO E AS CONTRADIÇÕES DA MODERNIDADE PAULISTA

Prof.^a Dra. Aline Nassaralla Regino¹ Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos²

¹Profa. Dra. do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

²Prof. Dr. do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

RESUMO

Este artigo propõe uma releitura da trajetória profissional do arquiteto Eduardo Kneese de Mello (1906-1994) a partir das novas tendências historiográficas e do acervo existente no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. O acervo possui cerca de 16 mil imagens geradas e utilizadas pelo próprio Kneese além de outros documentos que testemunham sua peregrinação pelo Brasil e pelo mundo, como arquiteto, professor universitário, dirigente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), conselheiro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA), do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Busca, também, demonstrar a forte relação existente entre sua graduação na Escola de Engenharia do Mackenzie e seus projetos. Por meio da análise de suas obras, estabelecem-se relações com o período de transição entre a Arquitetura Eclética e a Moderna; e, também, como Kneese concebia e ensinava a arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Kneese de Mello. Acervo Belas Artes. Arquitetura Eclética. Arquitetura Moderna.

ABSTRACT

This article proposes a rereading of the professional career of architect Eduardo Kneese de Mello (1906-1994) from the new historiographical trends and the existing collection at Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. The collection has around 16 thousand images generated and used by Kneese himself as well as other documents that testify to

his pilgrimage throughout Brazil and the world, as an architect, university professor, director of the Institute of Architects of Brazil (IAB), adviser for the Regional Council of Engineering and Architecture (CREA), the Council of Defense of Historic Heritage, Archaeological, Artistic and Tourist of Sao Paulo (Condephaat) and the National Institute of Historical and Artistic Heritage

(IPHAN). It also seeks to demonstrate the strong relationship between his graduating from Mackenzie Engineering School and his projects. Through the analysis of his works, it establishes relations with the transition period between Eclectic and Modern Architecture; and the way in which Kneese conceived and taught Architecture.

KEYWORDS: Eduardo Kneese de Mello. Collection Belas Artes. Eclectic Architecture. Modern Architecture.

INTRODUÇÃO

O aprimoramento dos conhecimentos científicos possibilitou a reinterpretação de temas previamente pesquisados e que já fazem parte da historiografia. Mediante esses novos aprendizados, surgiram novas maneiras de olhar, novos pontos de vista, novas interpretações de velhos assuntos, de temáticas consagradas, insígnias.

As novas tendências historiográficas, por outro lado, têm despertado, atualmente, as atenções para novos temas e diferentes abordagens da relação entre os arquitetos modernos e a formação acadêmica. Acredita-se que um desses novos temas é a forte relação

entre a formação universitária e os primeiros projetos elaborados pelos engenheiros-arquitetos paulistas e suas posteriores adaptações e “conversões” em arquitetos modernos.

O estudo das diferentes trajetórias de engenheiros-arquitetos formados nas décadas de 1930 e 1940 mostra que produziram inicialmente, por diferentes motivos, obras ecléticas. O ponto comum entre todas é o fato de que a maior parte desses profissionais, depois de sua conversão ao Movimento Moderno, deixou de reconhecer o valor dessa produção com a qual foram formados e iniciaram suas atividades profissionais.

A partir dessa nova temática e buscando responder a algumas dessas indagações, propomos neste artigo, uma revisão do estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Eduardo Kneese de Mello, feito a partir da releitura dos fatos, principalmente daqueles relatados pelo próprio arquiteto, devidamente contrapostos à documentação levantada nos arquivos pesquisados.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Não houve arquiteto formado em São Paulo da mesma geração dos pioneiros cariocas que tenha iniciado a sua vida profissional com a linguagem moderna e sem envolvimento com a construção. Todos os paulistas praticaram uma arquitetura eclética antes de se converterem ao modernismo; todos, também, adquiriram grande prática de canteiro, portanto rara era a encomenda de projeto sem a respectiva obra. A introdução de componentes modernos na arquitetura paulista não se iniciou mediante os recursos formais que caracterizaram a linha carioca: foi no tratamento racional e inovador das plantas que certa modernidade emergiu em São Paulo. (SEGAWA, 1999, p. 140).

A atuação profissional de Eduardo Augusto Kneese de Mello teve início no ano de 1932, quando se graduou como Engenheiro-Arquiteto na Escola de Engenharia Mackenzie, integrando uma turma com apenas cinco formandos. Kneese, assim como os principais arquitetos formados em São Paulo, ingressaram no curso de EngenheirosArquitetos, da Escola Politécnica ou do Mackenzie. Esse foi o caso de Oswaldo Bratke, Henrique Mindlin, Vilanova Artigas, Luis Saia, Ícaro de Castro Mello, entre outros.



FIGURA 1: Formatura de Eduardo Kneese de Mello, na escola de Engenharia do *Mackenzie College*. São Paulo, 1931. Fonte: acervo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

A institucionalização do ensino de Engenharia e Arquitetura em São Paulo foi marcada por três acontecimentos principais. O primeiro foi a instalação da Escola Politécnica e do curso de engenheiro-arquiteto em 1894; o segundo, a criação da Escola de Engenharia do Mackenzie no ano de 1896, a primeira instituição particular de ensino superior do Brasil, e o terceiro, em 1917, a instalação do curso de engenheiro-arquiteto no próprio Mackenzie, por intermédio do arquiteto Christiano Stockler das Neves, sendo o segundo curso superior de formação profissional na área do Estado de São Paulo. Embora seu curso de Arquitetura tenha funcionado apenas de 1928 a 1933, a Academia de Belas Artes é considerada a primeira escola a formar arquitetos em São Paulo.

Assim como a estrutura didática do curso da Politécnica se baseava nos moldes alemães, por influência da formação de seu primeiro diretor, Antônio Francisco de Paula Souza

(1843-1917), a criação e estruturação do curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie se vinculavam diretamente à formação e à atuação profissional de Stockler das Neves, seu diretor, ou seja, tinham como referência a estrutura didática estadunidense.

Pode-se dizer que o método de ensino, proposto por Stockler das Neves ao Mackenzie, baseava-se no paradigma da *École des Beaux-Arts* de Paris, se considerarmos a organização do curso e os conceitos estéticos, apesar da grande ênfase nos avanços tecnológicos e suas aplicações na construção. O diferencial desse curso, quando comparado ao da Politécnica, encontrava-se no trabalho em ateliê — elemento primordial para o ensino de arquitetura ligado às Belas Artes.

Enquanto o curso da Politécnica visava fornecer, em suas inúmeras disciplinas, uma ampla formação teórica de cunho tanto tecnológico como humanístico, o curso do *Mackenzie College* era centrado nas demandas do mercado e concentrava suas disciplinas em temas relacionados ao desenho artístico e arquitetônico e à prática profissional. O projeto bem resolvido, eficiente e bem desenhado era mais valorizado do que as grandes discussões teóricas sobre tecnologia, estilos ou tendências da arquitetura (PEREIRA, 2005, p. 305).

Durante o período em que cursou a faculdade no Mackenzie, entre 1925-1931, Kneese se destacou dos demais alunos e foi considerado

um dos discípulos de Stockler das Neves. Esse convívio com o mestre propiciou uma formação profissional rígida, centrada nos princípios do Desenho e no discurso sobre a busca do Belo, adquiridos por meio do constante estudo das regras clássicas de composição.

Em decorrência de sua formação acadêmica, Eduardo Kneese de Mello iniciou sua carreira com uma concepção de projeto formulada a partir do Ecletismo tardio dos anos de 1930, pois embora vinculada à escola de engenharia, a formação de engenheiros-arquitetos do *Mackenzie College* era, por segunda mão, forjada pelos conceitos da academia francesa. Esta postura se revelou na aproximação das belas artes (acadêmicas) e se caracterizou por uma forte preocupação com um determinado entendimento de projeto e definição estética da arquitetura.



FIGURA 2: Projeto-tese de uma Policlínica para São Paulo elaborado por Eduardo Kneese de Mello, 1931. Fonte: Revista de Engenharia – Centro Acadêmico Horácio Lane, 1932, nº. 57, p. 138.

Os futuros engenheiros-arquitetos, discípulos de Christiano Stockler das Neves, crítico voraz das veleidades modernizadoras, aprendiam a ver, sobretudo, a arquitetura como belas artes e a utilizar elementos arquitetônicos buscando composições clássicas rígidas pelos princípios da harmonia,

equilíbrio e perfeição, produzindo, dessa forma, uma arquitetura eclética, composta por elementos de diversas origens, mas utilizando materiais contemporâneos.

O ENGENHEIRO-ARQUITETO: UM CONSTRUTOR ECLÉTICO

Eduardo Kneese de Mello foi autor de um grande número de projetos. No entanto, sua produção arquitetônica é muito mais conhecida pela qualidade do que propriamente pela quantidade. A quantidade marcou apenas a primeira etapa de sua vida profissional:

a fase das construções ecléticas.

Apesar da divulgação dos princípios da Arquitetura Moderna, desde meados da década de 1920, no Brasil ainda se vivia a era de ouro das construções de cunho historicista, como eram as residências de estilos, que estavam associadas à abertura de novos loteamentos destinados às famílias mais abastadas. Nessa década vivia-se em plena euforia devido à industrialização, que ganhava novo impulso com o início da Era Vargas (1930-1945). Em São Paulo, o projeto de Vargas assumiu contornos específicos devidos à acumulação gerada anteriormente pela cafeicultura.

Seu primeiro trabalho como engenheiro-arquiteto foi na Construtora do Sr. Luiz Espinheira, responsável por importantes projetos na cidade. Colaborou com os

engenheiros da firma construtora durante dois anos, como desenhista, em projetos de estilos variados. Após essa experiência, montou seu escritório, no Largo da Misericórdia, na área central da cidade.



FIGURA 3: Autorretrato de Kneese em seu primeiro escritório, 1932. Fonte: acervo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Nessa nova fase, deixou-se acalentar pelo desejo passadizo e de status da burguesia paulistana, uma vez que buscavam mostrar, no presente, o que poderiam almejar ter sido reproduzido em outros passados ou regiões. Esta seria uma forma provinciana de entender a arquitetura. Esta imaginada sofisticação era retratada na paisagem urbana, onde para as classes dominantes de fazendeiros e industriais era como se a cidade ainda tivesse caráter intermitente e a casa, o valor social por excelência para ser exibido nos dias de festa. A maior prova disso é o fato de que, durante os primeiros anos de sua vida profissional, construiu um grande número de residências normandas, californianas, coloniais e até modernistas, atendendo ao cliente no estilo de sua preferência.

O grande número de construções residenciais que desenvolveu, localizadas nos bairros desenhados para as famílias de renda mais alta, como os Jardins América, Europa, Paulista e Paulistano, fez com que ganhasse prestígio e se destacasse frente à sociedade paulistana. Prova desse prestígio encontra-se no fato de, em 1934, Kneese de Mello ter sido convidado, pela Revista Record, para expor um de seus projetos recém-construídos, a residência de propriedade do Sr. José Martins Borges. A mostra, intitulada Exposição da Casa da Rua Pamplona 193-A, e os objetivos pretendidos foram anunciados no sexto número dessa publicação.

Em grande parte dessas residências, publicadas tanto pela Record como pela revista Acrópole, a organização espacial tinha sempre como modelo o palacete europeu, seguindo o estilo escolhido pelo cliente.

O rigor no cumprimento destes cânones de ordenação formal correspondia à aparente importância da família proprietária. O fachadismo era responsável por traduzir os elementos decorativos numa noção exagerada e mentirosa da posição social do proprietário. Nas habitações de alto padrão dos chamados bairros jardins, as construções unifamiliares se afastam obrigatoriamente dos limites do lote e sua volumetria se divide em dois corpos: um principal que abriga a casa propriamente dita e um

secundário no fundo do lote onde se localizavam as dependências dos criados e a garagem (...). (SILVA, 2003, p. 45).

Estas características estão presentes na residência do Sr. Jean Lecoq (1934), localizada no Jardim América. Em estilo Missões, apresenta telhado em duas águas de empenas perpendiculares à rua, com beirais reduzidos; proporções robustas; revestimentos rústicos; e, profusão de elementos em madeira e ferro fundido, tanto externa como internamente.



FIGURA 4: Residência Jean Lecoq, Rua Terra Nova, 8, Jardim América. Fonte: Acrópole, 1938, nº. 1, p. 27

Outra referência muito presente nos projetos realizados pelo arquiteto nesta época foi o neocolonial. Alguns autores, dentre os quais citamos Sylvia Ficher (1989-2007, p. 58), destacam que “(...) Kneese de Mello foi um renovador do estilo neocolonial em São Paulo”. O maior exemplo dentro da obra de Kneese é sua própria residência (1940) à Rua Antônio Bento, Jardim Paulista:

A fachada, bastante erudita, transpõe a arcada típica da arquitetura religiosa do período colonial para o programa residencial. O partido já se aproxima do volume prismático característico dos solares coloniais; a planta insere-se num quadrado, com um puxado a imitar o agenciamento em varanda. (PINHEIRO, 1997, s/p).



FIGURA 5: Residência Eduardo Kneese de Mello, Rua Antônio Bento, 399, Jardim Paulistano. Fonte: acervo Eduardo Augusto Quintanilha de Mello e Yola de Mello Guimarães.

Embora a primeira fase de sua trajetória seja curta, com duração de, aproximadamente, oito anos contínuos (1934-1942), foi o período em que Kneese de Mello mais construiu. Dentre todas as residências realizadas pelo arquiteto, nessa fase, predominam aquelas com projeto referenciado no neocolonial de ascendência hispano-americana ou luso-brasileira.

Em diversos depoimentos, ao comentar sobre esta época, Kneese se autodenominava *construtor eclético*. Naquele tempo orgulhava-se de poder atender todos estes clientes, cada qual com seu gosto e estilo de preferência.

Saí da escola, comecei a trabalhar como construtor. Fiz algumas casinhas

por aí, o Jardim América está salpicado delas, e eu fazia a arquitetura à vontade do freguês. Quando o sujeito entrava no meu escritório, eu perguntava imediatamente: qual o estilo de sua preferência? E eu fazia o estilo do sujeito, nem que nunca tivesse ouvido falar neste estilo. Eu ia estudar, ia me virar, ia perguntar e sapecava no sujeito o estilo que ele tinha pedido. Assim fui um construtor eclético. (KNEESE DE MELLO, 1979, p. 13).

Apesar de manifestar esse orgulho, depois de sua *conversão* ao Movimento Moderno passou a não valorizar a produção das primeiras obras, residências para a burguesia paulistana, onde contribuiu para a construção da cidade com uma arquitetura de cenário. Esse desprezo transparece em alguns depoimentos feitos pelo próprio arquiteto:

Quando fazíamos Arquitetura eclética ou acadêmica, havia assim uma certa [sic] intenção de exibição (...), e depois me pareceu que se chocava com a intenção social que a Arquitetura tem que representar. (...) Hoje estou convencido, absolutamente, que a Arquitetura é profundamente social. (...) Nós temos que esquecer a ideia de fazer grandes palácios e partir para soluções mais simples, mais humanas e sociais. (KNEESE DE MELLO *apud* SANTOS, 1985, p. 101).

Na segunda etapa de sua vida profissional, quando passou a ser militante do Movimento Moderno, passou a criticar os arquitetos ecléticos com voracidade. No entanto, como veremos a seguir, sua arquitetura, nos primeiros anos da década de 1940, continuou, até certo ponto, limitada a um desenho de fachada, sem alterações significativas em sua concepção espacial.

A formação acadêmica e a concepção de projeto, como o uso de recursos estilísticos e compositivos, lhe permitiram, de certo modo, tal passagem. Agregaram-se as possibilidades advindas do ecletismo, dentro das quais a determinação formal poderia advir do emprego de elementos do estilo e de sua conveniência para um certo uso, independente das características de sua ornamentação predominante, suas características estilísticas ou formais: greco-romanas, francesas, coloniais, modernas etc.

O MILITANTE ARQUITETO MODERNO

Períodos de transição são muito interessantes, pois neles se pode perceber o embate entre permanência e mudança, entre o antigo e o novo; são períodos ricos em relação a discussões, de busca de possibilidades alternativas para atender às demandas do novo. Só o passado e o presente podem ser conhecidos. O futuro é a incógnita que nos incita a desvendar

nossos caminhos. No entanto, há certo temor face ao desconhecido. O estudo do passado pode fornecer indicações, mesmo que seja pela contestação e contraposição de suas características. Para mudar é necessário conhecer o que está sendo mudado. Passado é referência, seja positiva ou negativa. (BREIA, 2005, p. 18).

Eduardo Kneese de Mello costumava dizer que sua conversão ao Movimento Moderno, início de sua segunda fase profissional, foi marcada pelo corte abrupto, sem transições conciliadoras. Deixava transparecer uma falsa impressão de que:

Quase seria possível de determinar o dia e a hora em que abandonaria o convencional para ser “moderno”. E o moderno aqui assume a importância que vai muito além do repertório formal. Revela na prática a incorporação de um ideário que se contrapõe à experiência anterior. (THOMAZ, 1992/1993, p. 81).

Falsa impressão, pois apesar de afirmar com veemência que sua conversão foi marcada pelo corte abrupto, percebe-se, por meio da própria cronologia de seus projetos, ainda ecléticos, publicados na década de 1940, que sua conversão não ocorreu de forma tão radical. Foi portanto, muito mais branda do que o próprio arquiteto proclamou:

Assim, percebe-se que a propalada “conversão” de Kneese de Mello à causa da arquitetura moderna foi mais gradual do que o próprio arquiteto gostava de admitir, a partir do crescente contato com a vanguarda carioca, e bastante relacionada à sua participação ativa nos recém criados órgãos de classe. E nem poderia ser de outro modo, pois a transformação intempestiva de Kneese de Mello em arquiteto radicalmente moderno só poderia indicar sua incompreensão das novas propostas: a substituição de um formalismo por outro, em suma. (PINHEIRO, 1997, p. 293).

Essa nova fase de sua vida profissional teve caráter mais humano e social do que a primeira, deixando de satisfazer o apreço da burguesia pelo luxo e exuberância para atender a projetos de cunho coletivo e social. Portanto, tornar-se moderno foi, para Kneese, adquirir a consciência de que os frutos da arquitetura, até então, teriam sido monopolizados pelo gosto burguês e era necessário, nesse novo momento, questionar qual a função social do arquiteto e o real significado de seu trabalho.



FIGURA 6: Sessão inaugural do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Montevideú, 1940. Fonte: acervo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

O contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca no V Congresso Pan-americano de Arquitetos (Montevideú, 1940) foi definitivo para a reorientação da arquitetura praticada por Kneese. Definiram-se, dessa forma, os traços que marcariam sua atuação e a personalidade generosa com que ficou conhecido.



FIGURA 7: Conjunto Residencial IAPI, 1945. Fonte: acervo FAU USP.



FIGURA 8: Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, 1952. Fonte: acervo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.



FIGURA 9: CRUSP. Cidade Universitária, 1961. Fonte: acervo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Evidentemente, enfrentou muitas dificuldades, pois sua formação profissional se baseava em princípios estilísticos e acadêmicos e sua clientela já estava acostumada a ter todas suas aspirações e desejos concretizados em suas residências. Deve ter sido difícil se converter à Arquitetura Moderna, principalmente por ser um renomado engenheiro-arquiteto que perante a elite paulistana, seu principal cliente, apresentara-se até aquele momento como um construtor de estilos.

Quando voltei de Montevideú, em 1940, decidi praticar a arquitetura moderna, com todos os riscos inerentes à mudança, pois até então — como muitos outros — eu era também um construtor e fazia projetos de acordo com as preferências do cliente. Mas era uma questão de convicção. Passei momentos difíceis, perdi clientes, mas mantive meus novos pontos de vista. (KNEESE DE MELLO *apud* CONSTRUTOR, 1976, p. 41).

Observa-se, ainda, nesta época, sua intensa militância na difusão do ideário moderno e da profissão do arquiteto e urbanista nos meios de comunicação de massa, defendendo a importância da contribuição social do arquiteto. Percebe-se também o início da participação em fóruns e entidades profissionais, que depois, tornar-se-ia uma militância de fato ou seja intensa e constante até fim das suas atividades profissionais.

Nessa militância empenhou-se pela fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP, 1943) ao lado de Rino Levi, Vilanova Artigas, entre outros. Como Professor da Universidade de São Paulo, Universidade Braz Cubas, Universidade Mogi das Cruzes, Fundação Armando Álvares Penteado e Faculdade de Belas Artes de São Paulo, sempre evidenciava o entusiasmo e o compromisso com o ideário moderno, fazendo de suas obras uma expressão desta postura.

Com dedicação quase que exclusiva ao ensino nas décadas de 1980 e 1990, sua experiência e militância continuaram a contagiar os colegas arquitetos e os jovens que lotavam as salas de aula dos cursos de arquitetura. Suas aulas e palestras eram bastante ilustradas pela documentação fotográfica que costumava realizar durante suas viagens pelo Brasil e pelo mundo. Constituiu, assim, um dos maiores acervos fotográficos do país.

Sua militância a favor da verdade na arquitetura dentro das salas de aula foi forjada para que as novas gerações não cometessem o mesmo erro, não mentissem arquitetonicamente, e retratassem a arquitetura de seu tempo. Apregoava uma máxima: *ARQUITETURA, ATRIBUIÇÃO DO ARQUITETO*, frase esta que acabou se transformando na marca da sua militância no IAB, traduzindo em poucas palavras o principal objetivo das lutas de sua geração.

ANÁLISE DOS PROJETOS RESIDENCIAIS

Para examinar o período de transição apontado acima, optou-se por analisar alguns projetos residenciais unifamiliares elaborados por Eduardo Kneese de Mello com o objetivo de estabelecer relações formais, conceituais e construtivas, vislumbrando ainda a possibilidade de descobrir permanências, transitoriedades e distinções em sua obra.

Foram selecionadas 45 residências para a pesquisa¹, a partir de critérios previamente estabelecidos, tais como: localização e identificação em acervos ou periódicos; publicação em livros ou periódicos especializados; apresentação de inovações técnicas, programáticas ou formais.

Os projetos selecionados foram apresentados em ordem cronológica, procurando facilitar a compreensão das transformações ocorridas nos modos de morar e, também, das alterações existentes nas concepções arquitetônicas e métodos projetuais, ao longo da sua trajetória profissional.

A análise foi orientada por cinco temas principais: caracterização geral; programas funcionais; esquemas típicos de distribuição; tipos de implantação; variações formais. Optamos por analisar os projetos dessa maneira por ser a única

que proporcionaria o entendimento da obra do arquiteto como um conjunto. Acreditamos que análises individuais não revelariam as informações buscadas, principalmente aquelas referentes ao período de transição.

O objetivo do estudo de casos é verificar e, quando possível, demonstrar as convergências e contraposições, semelhanças e discrepâncias, inovações e continuidades existentes nos projetos arquitetônicos concebidos pelo arquiteto para as residências da elite e da classe média paulistanas.

Essas análises permitiram compreender que existem permanências marcantes nos projetos do arquiteto, mesmo após sua adesão à Arquitetura Moderna. Essas semelhanças e continuidades estão vinculadas aos conhecimentos advindos de sua formação universitária, ao padrão socioeconômico de sua clientela e, também, aos pressupostos conceituais, culturais e formais, legados pelo Ecletismo dos anos de 1930.

Ao examinar as plantas dessas residências ficou evidente que, em todas elas, a organização espacial foi herdada do processo de redefinição pelo qual passou a casa burguesa, iniciado no final do século XIX após a chegada do Ecletismo e do modo de morar à francesa. O esquema distributivo se caracteriza pela

¹ Estas obras foram selecionadas a partir de um panorama de 205 obras/projetos elaborados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello ao longo de sua trajetória profissional. Essa relação pode ser consultada na tese de doutorado

que está disponível no link: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-31012012114432/pt-br.php>

divisão tripartida, em que os cômodos da residência são agrupados conforme sua destinação articulados por um corredor, elemento fundamental neste arranjo. Criam-se, dessa maneira, três setores muito bem definidos espacialmente para que nunca se sobreponham: setor social, íntimo e de serviço. Esse tipo de distribuição é garantido pelo modo de agenciamento e por elementos que organizam a hierarquia espacial, tais como as entradas distintas para o setor social e setor de serviço e uso do vestíbulo.

Ao analisarmos residências projetadas por Le Corbusier nas primeiras décadas do século XX, podemos notar que existem alterações na distribuição dos espaços tal como se praticara no Ecletismo, condizentes com uma determinada noção do que seria o morar moderno. Nas casas Citrohan (1922) e Weissenhof (1927), o esquema distributivo está de acordo com os novos hábitos e costumes de uma sociedade industrial e, por tal razão, os espaços são integrados e mais flexíveis, não havendo mais aquela rigidez dependente do vestíbulo e do corredor. E as máquinas, entre elas o automóvel, são parte da edificação principal ao invés de simplesmente substituírem os animais na cocheira no fundo do lote.

As residências projetadas por arquitetos considerados expoentes do modernismo paulista, como Rino Levi, Vilanova Artigas e Oswaldo Bratke, apresentam alterações nos espaços ligadas às novas normas de convívio e ao conforto proporcionado

por inovações técnicas e racionalização da construção. No “morar moderno” paulista, a continuidade espacial proporcionada pelos grandes vãos é enfatizada e amplamente empregada, sugerindo um novo modo de vida. Neste, os setores são intencionalmente superpostos.

Ao intentar uma comparação entre as soluções espaciais existentes nas residências elaboradas por Kneese após sua conversão ao Movimento Moderno e aquelas projetadas por seus contemporâneos, observamos que houve arraigamentos de seu modo de projetar que se podem compreender devido ao acúmulo de experiências profissionais anteriores, no caso, das construções de estilos, em suas obras modernas.

A diversidade de tendências arquitetônicas encontrada nos projetos residenciais desenvolvidos por Kneese de Mello pode ser entendida como consequência direta de sua formação acadêmica derivada dos paradigmas da *École des Beaux-Arts* de Paris; mas também de sua busca incessante por informação técnica atual e identidade nacional; e, além disso, resultante da posição intelectual de seus clientes que buscavam demonstrar sua posição social e intelectual nas fachadas de suas residências — realidade do mercado imobiliário naquela época.

Os estudos de casos permitiram comprovar a coexistência das diferentes linguagens plásticas da arquitetura ao longo do período estudado; portanto, houve a

intercalação das características formais empregadas. Nota-se, entretanto, a hegemonia de certas referências formais, sobretudo dos projetos referenciados no neocolonial, luso-brasileiro ou hispano-americano, e seus hibridismos.

As linguagens geométricas e o despojamento ornamental também foram utilizados por Kneese em seus projetos. Nas primeiras residências são encontrados estilemas do *Art Déco* e, inclusive, da Arquitetura Moderna, porém, como o arquiteto dizia, esta última linguagem era empregada sem convicção, apenas como mais uma opção estilística escolhida pelo proprietário.

Com a aproximação dos anos de 1950, dez anos depois de sua suposta conversão abrupta, é possível notar aproximações formais e técnico-construtivas com a linguagem empregada pela escola paulista e também com os cânones modernos difundidos por Le Corbusier, como o uso de pilotis e das janelas horizontais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao centrar o enfoque desta pesquisa na trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello, pretendeu-se compreender, a partir do exame mais detalhado das fontes históricas, a relação existente entre as duas etapas em que, comumente, foi interpretado seu trabalho. Estudou-se o conjunto de seus projetos

visualizando um período de transição entre o eclético engenheiro-arquiteto e o moderno arquiteto-militante. Acredita-se que, mediante a correta interpretação dessa passagem, podem-se entender os contrastes e as continuidades existentes entre essas duas posturas devido à identificação de permanências e mudanças nos arranjos dos projetos analisados.

A primeira hipótese formulada e constatada na pesquisa, portanto, foi a de que existem fortes vínculos entre a trajetória profissional do arquiteto e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua graduação no Mackenzie, como engenheiro-arquiteto, construtor de estilos.

Em decorrência de sua formação acadêmica, Kneese iniciou sua carreira com a concepção de projeto estabelecida pelo Ecletismo dos anos de 1930. Portanto, foi responsável pelo projeto e construção de um grande número de residências com as mais variadas características formais. Esses projetos demonstraram a sua habilidade e destreza ao realizar composições baseadas em seu vasto repertório arquitetônico de construtor experiente e rigoroso. Essas residências, distribuídas nos principais bairros da cidade de São Paulo respondiam corretamente à posição intelectual de sua clientela: a elite e classe média. Essas famílias abastadas acreditavam que o apuro técnico e a reprodução dos padrões e modos de morar oriundos do Ecletismo eram sinônimos de progresso e status social.

A participação de Kneese no V Congresso Pan-americano de Arquitetos foi um acontecimento decisivo para os rumos de sua trajetória profissional, pois, ao mesmo tempo em que havia sido premiado por seus projetos residenciais, nos mais variados estilos, entrou em contato com arquitetos de outros países e com a vanguarda carioca. Esse primeiro impacto foi definitivo para a reorientação da arquitetura praticada por Kneese. Passou a adotar novos valores, uma nova atitude profissional com caráter humanista e forte preocupação social. Renegou o seu passado arquitetural com a mesma veemência com que se dedicou à divulgação dos paradigmas da Arquitetura Moderna.

Entretanto, após constatarmos que o arquiteto projetou residências vinculadas ao Ecletismo até o ano de 1947 — cinco anos após a elaboração do edifício MARA, primeiro projeto moderno —, confirmou-se a existência de um período de transição de quase uma década. Comprovou-se, portanto, a hipótese de que sua adesão ao Movimento Moderno, apregoada como um credo e uma mudança brusca, que no entanto, não se realizou desse modo abrupto, manifestou-se com sobreposições, portanto, de modo mais brando e duradouro do que o arquiteto gostava de admitir.

As permanências encontradas na trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello não depreciam o conjunto de suas obras arquitetônicas,

nem diminuem a sua importância e contribuição para a Arquitetura Brasileira, apenas demonstram que as residências unifamiliares projetadas pelo arquiteto, ecléticas ou modernas, resultam de uma experiência profissional contínua e em busca de ideais sociais e identidade política.

Ao mesmo tempo em que a formação deixou seus rastros e a sua clientela seus registros, ele, por meio de uma consciência de mudança, buscou e construiu uma segura libertação dos cânones a que esteve submetido. A adesão ao ideário do Movimento Moderno traduziu-se numa peculiar trajetória onde se complementam, sem oposição, a experiência com a construção e sua constante inovação, o projeto como ofício de um profissional especializado, a atuação de um professor compromissado com a instrumentação da formação profissional além da própria organização da categoria e, por fim, a doce militância pelo conhecimento, documentação e preservação do Patrimônio Cultural legado pelos portugueses, elemento fundamental para a construção de uma identidade nacional para a sua geração, que o levou para os quatro cantos do país e do mundo.

REFERÊNCIAS

ACRÓPOLE: arquitetura, urbanismo, decoração. São Paulo: Técnicas Brasileiras, 1938-1971. Mensal.

BREIA, M. T. de S. e. A Transição do Ensino da Arquitetura Beaux-Arts para o Ensino da Arquitetura Moderna na Faculdade de Arquitetura Mackenzie - 1947-1965. 2005. 488 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FICHER, Sylvia. Arquitetos e Engenheiros/arquitetos da Escola de Engenharia Mackenzie. Brasília: mimeo, 1989-2007.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Construções Residenciais. São Paulo: União Paulista de Imprensa, 1937.

_____. Depoimentos de Arquitetos Paulistas: depoimento. [1979?] In: IAB-SP. Arquitetura e Desenvolvimento Nacional. São Paulo: Editora Pini, p. 13-15.

O CONSTRUTOR DO MÊS: Eduardo Kneese de Mello. A Construção São Paulo. São Paulo: nº 1497, p. 40-1, 1976.

PEREIRA, Gustavo. Christiano Stockler das Neves e a Formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College: Um Estudo sobre a Disseminação dos Métodos da École des BeauxArts de Paris e das Fine Arts Schools norteamericanas. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45. 1997. 356 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de

Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RECORD: REVISTA DE ARQUITETURA E DECORAÇÕES. São Paulo: Empresa Record, [1934-?]. Mensal.

REGINO, Aline Nassaralla et. al. Arquitetura atribuição do arquiteto: homenagem ao centenário do arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1944). São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

REGINO, Aline Nassaralla. Eduardo Kneese de Mello: do eclético ao moderno. 2011. 580 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Eduardo Kneese de Mello | arquiteto: análise de sua contribuição à habilitação coletiva em São Paulo. 2006. 293 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo: Escola de Engenharia Mackenzie: Centro Acadêmico Horácio Lane, [1915-?].

SANTOS, Lena Coelho. Arquitetura Paulista em torno de 1930-1940. 1985. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

SILVA, Elaine Pereira da. *Eduardo Kneese de Mello e o Edifício Japurá*. 2003. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, São Carlos.

THOMAZ, Dalva. *Eduardo Kneese de Mello – documento*. Revista AU. São Paulo: nº 45, dezembro 1992/ janeiro 1993, p. 80-88.